

UM ESTUDO DA ECOLOGIA DO CONTATO DE LÍNGUAS EM TIMOR-LESTE

Davi Borges de Albuquerque (NELIM)

R e s u m o : O presente artigo tem como objetivo apontar os aspectos teóricos da ecologia do contato de línguas e povos, bem como aplicar tal teoria em um estudo de caso específico, que é analisar a ecologia do contato de línguas/dialetos e indivíduos/povos em Timor-Leste. Assim, este trabalho está dividido da seguinte maneira: após a introdução, será realizada uma revisão bibliográfica, em (2); em (3), serão apresentadas algumas características básicas do ecossistema linguístico local de Timor-Leste; em seguida, em (4), serão discutidas as situações de contato e alguns fatores que influenciam na ecologia do contato; em (5), serão analisados os resultados do contato de línguas e povos em Timor; finalmente, em (6), serão apresentadas as considerações finais.

P a l a v r a s - c h a v e : Contato de línguas; ecolinguística; língua portuguesa; Timor-Leste

A b s t r a c t : This article aims to point out the theoretical aspects of the ecology of languages in contact together with people contact as well. Furthermore, this article will present a specific case study in which it is analyzed the ecology of languages and dialects in contact, and also people and individual contacts in East Timor. Thus, this article is divided as the following: after the introduction, it will be conducted a bibliographical review, in section (2); in section (3), it will be presented some basic traces of East Timor Language Ecosystem; in section 4, the situations of contacts and the factors which have influence on the ecology of contact will be discussed; in section (5), the results of languages and people in contact in East Timor will be analyzed; finally, in section (6), the final remarks will be withdrawn.

K e y w o r d s : Languages in contact; ecolinguistics; Portuguese language; East Timor.

1. Introdução

Neste artigo será estudada a ecologia do contato de línguas e povos em Timor-Leste.

Para tanto, faz-se necessário elencar informações a respeito dos estudos ecolinguísticos que se dedicaram ao contato de línguas, bem como a respeito do ecossistema linguístico local de Timor-Leste.

Desta maneira, este trabalho apresenta diferentes contribuições à comunidade científica, já que será feita uma revisão bibliográfica de como o contato de línguas é abordado na ecolinguística, será exposta a teoria do contato de línguas de Couto (2009) que está em acordo com a linguística ecossistêmica (Couto, 2013), bem como esta será aplicada ao estudo dos contatos no ecossistema linguístico local de Timor-Leste, fazendo com que a análise conduzida a respeito da ecologia dos contatos neste país seja também uma contribuição importante para os estudos de linguística em Timor-Leste e de ecolinguística.

Assim, o presente artigo está dividido da seguinte maneira: após a introdução, será realizada uma revisão bibliográfica, em (2); em (3), serão apresentadas algumas características básicas do ecossistema linguístico local de Timor-Leste; em seguida, em (4), serão discutidas as situações de contato e alguns fatores que influenciam na ecologia do contato; em (5), serão analisados os resultados do contato de línguas e povos em Timor; finalmente, em (6), serão apresentadas as considerações finais.

2. Ecologia do contato de línguas

Os primeiros trabalhos que relacionam a temática do contato de línguas/povos com ecologia foi o de Whinnom (1971). Vale lembrar que este não é um trabalho de ecolinguística, já que se atribui ao trabalho de Haugen (1972) como o marco inicial da ecolinguística. Em Whinnom (1971), o autor simplesmente argumenta a favor da analogia entre o surgimento de pidgins e crioulos com o surgimento das espécies biológicas. Whinnom (1971) usa o termo ‘hibridização’ para se referir ao nascimento das línguas: as línguas naturais surgiriam de uma hibridização primária, enquanto da hibridização secundária, ou seja, o convívio de duas línguas, há somente a aprendizagem. Os pidgins e crioulos surgiriam de um processo de hibridização terciária. De maneira similar ao trabalho de Whinnom (1971), que crioulistica e biologia, Mackey (1979) levanta a discussão a respeito da ecologia do contato de línguas, afirmando que no estudo das línguas em contato deve-se levar em conta uma série de elementos sociolinguísticos, como etnia, manutenção linguística, comportamento linguístico diglossia, a competência linguística do grupo e o papel das línguas na educação e na comunicação (Mackey, 1979, p. 453). Assim, esse tipo de estudo consiste em um estudo ecológico da língua, pois é por meio da abordagem ecolinguística que esses elementos podem ser analisados de maneira conjunta. Basicamente, para o autor a língua é um

fenômeno social e a ecologia é o estudo das relações, assim as ciências sociais já haviam incorporado a ecologia em seus estudos e faltava somente a ciência da linguagem adotar o estudo da língua como um estudo das relações entre os vários papéis sociais das línguas e como estes se relacionam entre si e com as políticas e práticas sociais em diferentes meio ambientes (Mackey, 1979, p. 454). Couto (2007, p.

48) salienta a importância dessa publicação por ser provavelmente o primeiro texto em que foram aplicados os pressupostos teóricos da proposta de Haugen (1972) de ‘ecologia da língua’.

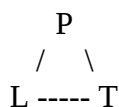
No ano seguinte, em Mackey (1980), o autor aplicou novamente a proposta de Haugen (1972), mas desta vez ele estudou a ecologia da mudança de língua. O autor propõe basicamente três parâmetros ecológicos (medição de atração interlingual, elaboração de perfis das pressões das línguas comunitárias e padrões de geocodificação do uso linguístico) para se analisar a mudança de língua e aplica-os a um estudo de caso em Quebec.

Alguns crioulistas acabaram por se tornar ecolinguistas, como Mühlhäusler (1996, 2003) e Couto (2007, 2009), enquanto outros, apesar de não realizarem estudos ecolinguísticos, conduziram estudos que relacionam contato de línguas com aspectos biológicos ou ecológicos, como Calvet (1999) e Mufwene (2001, 2008), sendo que estas publicações se tornaram contribuições significativas para o desenvolvimento da teoria ecolinguística, bem como para as análises ecolinguísticas, conforme será comentado abaixo.

Nos trabalhos de Mufwene (2001, 2008), apesar de o autor se basear em perspectiva biológica e não ecológica, há um modelo evolucionário para explicar e analisar o contato e a mudança linguística. Assim, o autor inseriu conceitos biológicos nesta temática, principalmente da genética, como o ‘fundo de traços’ (ing. *feature pool*), análogo ao fundo genético (ing. *gene pool*), o processo de competição e seleção, e a migração populacional. De acordo com a perspectiva evolucionária de Mufwene (2001), há um fundo de traços (ing. *feature pool*), análogo ao fundo genético (ing. *gene pool*), em que esses traços estão em competição e os falantes selecionam os que estão mais adaptados às mudanças ecológicas que ocorreram, ocorrendo, assim, a competição dos traços selecionados de cada falante e a partir do contato de idioletos é que os traços são selecionados naturalmente, sobrevivendo somente alguns que serão transmitidos por meio do contato interidioletal do indivíduo para a comunidade.

Couto (2009) que apresenta uma proposta para um estudo ecológico do contato de línguas sob uma perspectiva da Ecologia Fundamental da Língua (doravante EFL), enfatizando a importância da tríade P-L-T, povo (P), língua (L) e território (T), bem como das interações comunicativas e dos diferentes meio ambientes e seus respectivos ecossistemas (ecossistema mental, social e natural). Segundo Couto (2007), a EFL, que pode ser tanto ‘Ecologia Fundamental da Língua’ ou ‘Ecossistema Fundamental da Língua’, é formada pelos três elementos básicos, que são o P-L-T, já apontados acima, e que a língua é que serve como uma intermediária entre o indivíduo e o meio ambiente, conforme a figura 1 abaixo:

FIGURA 1. Ecossistema Fundamental da Língua (Couto, 2007, p. 91, adaptado)



Couto (2007) também aponta que os três ecossistemas da língua (mental, social e natural) são as maneiras distintas de se encarar a língua, como um fenômeno mental, ou social, ou natural, bem como se relaciona com os respectivos meio ambientes e também com os três elementos da EFL, que são o P-L-T. Posteriormente, Couto (2013) desenvolveu esta teoria, chamando-a de linguística ecossistêmica. Isso faz com que o estudo da ecologia do contato de línguas, de acordo com uma perspectiva da linguística ecossistêmica, que será adotada para a análise a ser conduzida aqui nas próximas seções, enfatize a importância da tríade P-L-T e dos diferentes ecossistemas quando ocorrem os contatos entre diferentes indivíduos, falantes de diferentes línguas/dialetos em situações sociais específicas e em um local determinado.

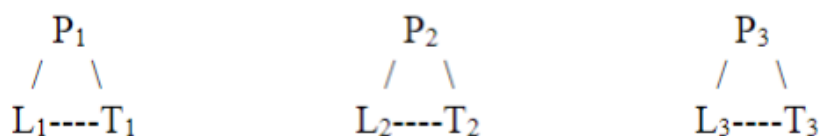
3. O ecossistema linguístico local de Timor-Leste

Na teoria da linguística ecossistêmica, a EFL equivale ao conceito da comunidade falante da língua e é onde ocorrem as interações comunicativas. Relembrando a figura.1 anteriormente, que consiste na representação da EFL, o P está no ápice do triângulo, indicando que a relação entre L e T é mediada por ele.

Digno de nota é que representações semelhantes já se encontravam em trabalhos anteriores da ecolinguística, como Trampe (1990) e Bang e D r (2007), conforme afirma Couto (2007, p.91). O EFL possui três ecossistemas dentro de si, dependendo de

como são encarados os elementos P, L e T. Segundo Couto (2013, p. 299), esses ecossistemas são: o ecossistema natural da língua, o ecossistema mental da língua e o ecossistema social da língua, de acordo com a figura abaixo:

FIGURA. 2 Representação dos Ecossistemas Natural (1), Mental (2) e Social (3) da Língua (Couto, 2013, p. 299, adaptado)



O ecossistema natural da língua (1) consiste em um povo (P_1), que habita em seu território (T_1) e se comunica por meio da língua (L_1) da comunidade. Porém, no ecossistema natural da língua P_1 é visto como seres físicos e T_1 é encarado fisicamente, assim a L_1 é uma realidade concreta que se relaciona com os demais elementos do ecossistema. Esta é uma visão mais biológica da língua e do ecossistema. Em (2), há o ecossistema mental da língua em que a língua é vista como um fenômeno mental (L_2), sendo P_2 a parte da mente do indivíduo que processa a língua e (T_2) é o cérebro, sendo encarado como entidade concreta. O ecossistema social da língua, representado em (3), trata-se da língua (L_3), sendo encarada como fenômeno social e P_3 é a comunidade que fala a L_3 , enquanto o T_3 é a sociedade (Couto, 2013, p. 299).

Desta maneira, o ecossistema linguístico engloba os três ecossistemas mencionados anteriormente e, de acordo com Couto (2013, p. 294), pode ser dividido em ecossistema linguístico geral e local. O primeiro, o ecossistema linguístico geral, equivale à comunidade de língua e ao domínio do sistema. O segundo, o ecossistema linguístico local, consiste na comunidade de fala, ou de interação, sendo, assim, o ecossistema onde ocorrem os atos de interação comunicativa (AIC).

Sobre o ecossistema natural de Timor-Leste, há algumas informações em Fox (2000, 2003) que aponta entre as características principais: um relevo montanhoso, o clima de monções e pouca área fértil para a agricultura, que geralmente se localiza nos vales entre as montanhas, pelo fato de acumularem água. A alimentação dos indivíduos leste-timorenses é à base de arroz (*Oryza sativa* L.) ou milho-miúdo (*Panicum viride* L./*Setaria italica* L.), dependendo da cultura local e do solo propício às plantações.

Sobre o ecossistema mental pouco pode ser dito, até mesmo pelo fato de este ecossistema ser o menos estudado na ecolinguística, conforme Couto (2013) atesta. Porém, no convívio do presente autor com os leste-timorenses, percebeu-se que algumas

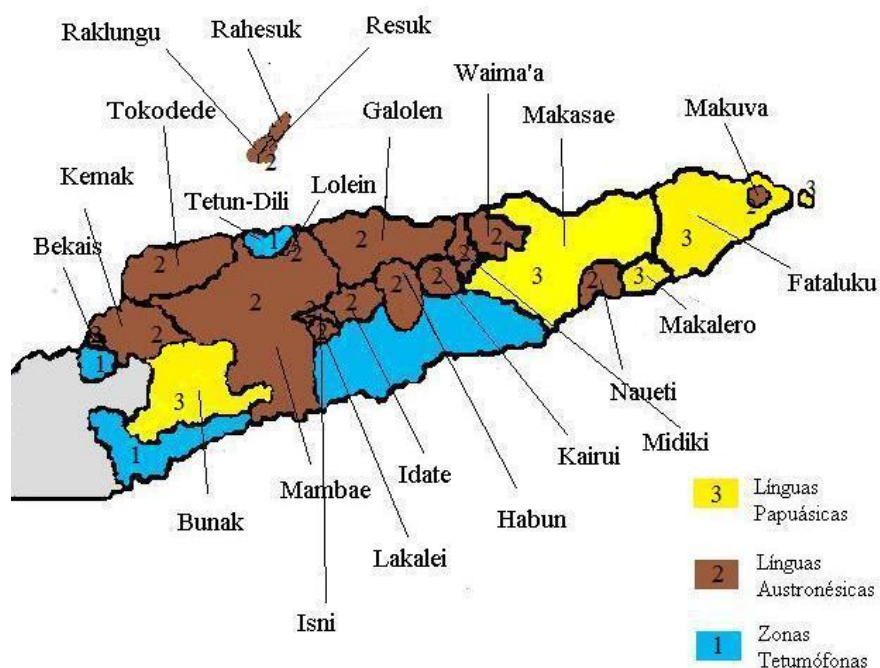
formas de pensar e de se comportar (características do ecossistema mental) dos habitantes de Timor-Leste são influenciadas pela organização social deles, o ecossistema social. Assim, toda a cosmologia dual influencia a forma do cidadão leste-timorense pensar, que acaba por enxergar a realidade também com uma visão dualística, com os opostos metafísicos (bem x mal, belo x feio) convivendo em equilíbrio e que se manifestam no plano físico, como: homem x mulher, criança x adulto, vida x morte, sexo x casamento, seca x chuva, calor x frio, entre outros. É possível citar a relação com o ecossistema natural também, já que os pares opositivos são naturais na maioria das espécies do reino animal (masculino x feminino), bem como há a presença de aspectos geográficos, como o clima, o tempo etc. Isso faz com que todas as manifestações culturais, como a religião tradicional e seus rituais, a literatura oral e a organização social, apresentem essa concepção diádica do universo¹.

Em Albuquerque (2010b), há um panorama dos elementos P, L e T do EFL. Assim, como este capítulo dedica-se ao estudo do ecossistema linguístico local de Timor-Leste é pertinente discorrer a respeito das línguas nativas leste-timorenses. As línguas de Timor-Leste pertencem a duas filiações genéticas distintas: Austronésia e Papuásica. Até a atualidade poucos são os estudos de natureza histórica que se debruçaram sobre a classificação das línguas leste-timorenses.

Há alguns estudos que apresentaram uma proposta de classificação dessas línguas, porém os estudos pioneiros de Capell (1943a, 1943b, 1944) é que se destacam e, posteriormente, os estudos de Hull (2001, 2004). Recentemente, Schapper, Huber e Engelenhoven (2012) vêm se dedicando aos estudos histórico-comparativos das línguas papuásicas da ilha de Timor e suas relações com as ilhas vizinhas, principalmente da região de Alor e Pantar. A seguir, no mapa.1, se encontra a distribuição das línguas nativas leste-timorenses pelo território do país.

MAPA 1. Timor Leste e a distribuição das línguas nativas pelo seu território

¹ Vale lembrar que esta visão diádica da realidade, apesar de ser marcante em sociedades autóctones, também é encontrada na tradição europeia.



(Fonte: Albuquerque, 2011a, p.66, adaptado)

4. Situações e fatores relacionados à ecologia do contato de línguas

A ecologia do contato de línguas parte de uma série de pressupostos simples que podem ser observados na realidade do ecossistema linguístico local estudado. Primeiramente, o que entra em contato não são necessariamente línguas, mas os diferentes povos falantes das mais variadas línguas (Couto, 2009, p. 50). O contato se inicia com povos se deslocando em diferentes espaços, sendo que o contato entre as línguas acontece na mente dos falantes, de acordo com Couto (2009), e as mudanças linguísticas são originárias do contato, ou ausência dele, a partir do idioleto e a dispersão deste, ou seja, cada indivíduo modifica a língua à sua maneira, o idioleto, e por meio do contato interidioletal certos traços do idioleto são partilhados pela comunidade, modificando, assim, a língua, conforme Mufwene (2008).

Desta maneira, com o que foi exposto acima, percebe-se que os elementos do EFL, a saber: o povo (P), o território (T) e a língua (L), estão envolvidos com o contato de línguas, bem como os três ecossistemas da língua: o natural, o mental e o social.

Couto (2009, p. 51) elabora uma tipologia das situações de contato, que será exposta a seguir, com o intuito de apontar em qual dos tipos se enquadra a situação de contato em Timor-Leste. A primeira das situações se caracteriza com um povo e sua língua, que possuem um prestígio reduzido, sendo identificados aqui como PL₂, migrando para um

território que já possui uma EFL estável, com o povo e a língua sendo dominantes e com prestígio alto, sendo chamados de PL₁. Nesta situação é que a língua PL₂ se caracteriza como minoritária. Na segunda situação ocorre exatamente o contrário, um povo dominante (PL₁) migra para um território em que o PL₂ que o habita originalmente é ‘mais fraco’, geralmente há também outros povos habitando o local, gerando assim PL₃, PL₄, ... PL_n. Nesta segunda situação é que se encaixam os casos típicos de colonização. A terceira situação consiste em tanto o PL₁ quanto o PL₂ migrarem para um terceiro território que é neutro, ou seja, não era habitado nem por um nem por outro. Esta situação ocorreu em alguns casos de colonização, como a portuguesa, em que o povo colonizador levou consigo o povo colonizado para outro local, como em Cabo Verde e São Tomé e Príncipe. A quarta e última situação se caracteriza pelo deslocamento sazonal de um povo para um território distinto do seu, podendo ser tanto do povo PL₁ migrando para o território de PL₂, ou o contrário, o povo PL₂ migrando para o território PL₁.

A situação de contato que ocorreu em Timor-Leste foi a segunda, em que um povo dominante (PL₁), no caso o colonizador português, migrou para um território, a ilha de Timor, em que os habitantes nativos do local eram ‘mais fracos’, lembrando que não havia somente um povo/língua (PL₂), mas vários povos e línguas distintos (PL₃, PL₄, ... PL_n).

Há também uma série de fatores que influenciam o contato, sendo eles, de acordo com Couto (2009, p. 55), os seguintes: a quantidade, o tempo, a intensidade, o poder, a atitude e a semelhança ou dessemelhança tipológica. Estes fatores são fundamentais para se compreender, bem como contribuem com os resultados do contato de línguas/povos que serão analisados na seção posterior.

A quantidade refere-se ao número de pessoas que se deslocaram de um território para outro. Em relação à ilha de Timor, já foi apontado anteriormente, que a população total de origem portuguesa era reduzida, cerca de 15 pessoas no século XVIII (BOXER 1947, p.16), aproximadamente 20 no início do século XIX (SÁ 1961, p. 215), chegando a 100 indivíduos nos primeiros anos do século XX (Thomaz, 1976). Esta população reduzida de origem portuguesa contribuiu para a formação da variedade crioula falada em Timor, o Crioulo Português de Bidau (CPB), analisado por Baxter (1990), assim como para a formação da variedade do português falado em Timor-Leste, estudado por Albuquerque (2010a, 2011a, 2011b, 2012a, 2012b, 2014a, 2014b).

O tempo corresponde ao período de permanência do povo no território, gerando o contato. Na ilha de Timor, os portugueses chegaram no ano de 1515, porém habitaram-na somente no século XVIII, ao perder territórios no sudeste asiático para a Holanda (Figueiredo, 2004, p. 122). Assim, é possível perceber a influência do contato entre os povos portugueses e nativos de Timor pelo fato de o tempo de contato entre eles ser de mais de três séculos. Pode-se considerar até um período maior se for contado o tempo em que os missionários portugueses fizeram as primeiras tentativas, que fracassaram, de catequização dos indivíduos autóctones timorenses, a partir de 1550 (HÄGERDAL 2012, p. 30). De maneira distinta, se um povo passa pouco tempo no território pode não haver nenhuma influência, ou uma influência bem reduzida, como foi o caso do povo japonês, que permaneceu apenas alguns anos durante a 2ª guerra mundial, entre os anos de 1942 e 1945 (Carvalho, 1972), deixando pouquíssimos traços de sua presença na atualidade, apenas alguns itens lexicais, lembrados somente pelos falantes idosos de zonas rurais Albuquerque (2011b, 2012b).

A intensidade está relacionada com vários outros fatores, principalmente com a quantidade do contato. É possível mencionar que a intensidade do contato também está relacionada com o nível de influência de um povo sobre o outro. Assim, de acordo com o estudo conduzido por Albuquerque (2014b) a respeito do PTL, percebe-se que a intensidade do contato da língua portuguesa com as línguas nativas de Timor-Leste foi alta, o que ocasionou modificações nos níveis fonológico, morfossintáticos, semântico e no léxico². Além disso, há influências culturais em geral de origem portuguesa, como a alimentação, a religião católica, formas de comportamento, vestimenta etc. Outro povo que pode ser mencionado aqui que teve uma intensidade alta de contato em Timor foi o povo de origem malaia.

O poder se caracteriza pela força econômica, política e militar que os povos em contato possuem, o que pode acarretar em um povo dominando e se impondo ao outro. Em Timor, os portugueses eram um povo poderoso, que dominou as diferentes etnias da ilha, impondo sua língua de diversas maneiras, principalmente via a igreja, a administração e o militarismo (Baxter, 1996, p. 312), bem como pela educação formal

² Vale lembrar que as influências foram mútuas, ou seja, tanto o português influenciou as línguas nativas, como as línguas nativas influenciaram o português falado em Timor-Leste, porém com intensidade menor. O mesmo é válido para itens culturais, principalmente da cultura material, já que alguns itens culturais de origem leste-timorense são levados para os demais países lusófonos, principalmente Portugal, destacando-se o *tais* ‘vestimenta tradicional, que consiste em uma faixa de pano colorida’, que atualmente é usada ao redor do pescoço.

(Thomaz, 2002), e demais traços culturais. Na ilha de Timor pode ser mencionado também o caso do povo tetunófono, que dominou um vasto território, impondo sua língua, o Tetun, aos povos timorenses dominados, sendo essa a causa principal de que o Tetun, em sua variedade Tetun Prasa, tenha se tornado a língua franca local (Albuquerque, 2009, Thomaz, 2002). Digno de nota é que o poderio indonésio, que acarretou na dominação do país sobre Timor, influenciou bastante, por meio do contato entre o povo indonésio e o povo timorense, a situação linguística em que se encontra atualmente Timor-Leste.

A atitude do povo migrante é um fator que pode alterar as influências entre os povos e línguas em contato, e consiste no comportamento deste povo, e de seus indivíduos, em relação à língua e suas situações de uso. Um caso de destaque, citado por Couto (2009, p. 55), em relação à atitude do povo em contato é a resistência cultural, que pode evitar certas mudanças linguísticas, cultivar purismos, não aprender outras línguas etc. Em Timor, a língua portuguesa, como possui uma intensidade alta de contato no ecossistema linguístico local, acabou por servir até como uma língua de resistência à indonésia e sua língua, por parte de grupos timorenses que não aceitaram a dominação de seu país, durante o período em que Timor foi invadido. Albuquerque (2014b, p. 261) constata que a atitude do falante leste-timorense nos dias de hoje em relação ao emprego da língua portuguesa em situações de interação intercultural é distinta da citada, com vários sinais de insegurança linguística em relação às línguas locais do país e ao emprego de línguas estrangeiras, bem como uma supervalorização destas línguas estrangeiras que são faladas no país, a saber: o inglês, o português e o indonésio, em detrimento das línguas nativas.

Finalmente, a semelhança, ou dessemelhança, tipológica é um fator que pode influenciar no contato, bem como nos resultados que surgem dos diferentes contatos. Línguas que apresentam semelhanças tipológicas acabam por ser aprendidas com mais facilidade e também os falantes acabam muitas vezes por identificar também certos traços culturais em comum entre os diferentes povos falantes de línguas semelhantes. Como é o caso do indonésio em Timor-Leste³, mesmo com a invasão indonésia e o período violento de dominação deste país sobre Timor, entre 1975 e 1999, os indivíduos leste-timorenses

³ A maioria das línguas nativas de Timor-Leste, assim como o indonésio, chamado por seus falantes de *bahasa indonesia*, que é apenas uma variedade do malaio, são todas de origem austronésia, por isso a semelhança tipológica. Maiores informações sobre as línguas nativas de Timor-Leste se encontram anteriormente, bem como no mapa 1.

aprenderam a língua indonésia com facilidade e grande parte da população é fluente nela, cerca de 58%, de acordo com os números presentes em *National Board of Statistics* (2006), além disso, os leste-timorenses até hoje consideram os indonésios como um povo irmão de Timor. Quando há dessemelhança tipológica entre as línguas faladas pelos povos em contato, as influências e os resultados são diferentes. Em relação ao contato entre o português e as línguas nativas, que são línguas distintas tipologicamente, os falantes timorenses tiveram pouco contato direto com falantes de português como L1 e ainda eles tiveram um reforço de variedades do português faladas nas regiões vizinhas a ilha, acarretando na formação do CPB e do PTL, que são variedades da língua portuguesa que se adaptaram ao ecossistema linguístico local de Timor-Leste, via contato entre os indivíduos. Os resultados deste mesmo contato foram distintos para as línguas locais. O caso melhor documentado é o da língua Tetun, que em sua variedade Tetun Prasa, passou a ser utilizada como língua franca e também foi adotada em diversas atividades administrativas (Albuquerque, 2009, Thomaz, 2002). Isso fez com que o Tetun Prasa, de certa forma, apresentasse algumas características de línguas entrelaçadas, que serão discutidas na seção posterior, com um alto número de empréstimos lexicais lusófonos, bem como alguns empréstimos gramaticais, como pode ser visto em um capítulo de Esperança (2001) ou nas gramáticas do Tetun de Hull e Eccles (2001) e Albuquerque (2011c). Já a influência do contato com as demais línguas locais foi menor, pelo fato de que os povos leste-timorenses falantes de outras línguas por estarem em regiões mais distantes, tiveram uma quantidade, um tempo e/ou uma intensidade menor. O que se observa que a influência do contato com o povo e a língua portuguesa nessas outras línguas nativas de Timor-Leste ocorreu de forma indireta, via o Tetun Prasa, que como língua franca, e atual língua oficial, passou a influenciar as outras línguas do país, principalmente por meio de empréstimos para estas de elementos lusófonos existentes no Tetun, conforme apontado em um estudo da língua Manbae de Albuquerque (2013).

5. Os resultados dos contatos de línguas em Timor-Leste: o contato interlinguístico

Os resultados dos contatos de línguas tratam-se das alterações ocorridas no EFL, visando à adaptação às situações de contato. Caso a situação de contato persista, ocorrerá também a evolução de alguns aspectos do EFL. Antes de se apontar os resultados dos contatos que aconteceram em Timor-Leste, é necessário realizar a

distinção entre contato interlinguístico, quando diferentes povos e falantes de línguas distintas entram em contato, e contato intralinguístico, que consiste no contato de indivíduos falantes da mesma língua.

O objeto de estudo da presente seção, bem como os resultados que este artigo apresenta, são os resultados dos contatos interlinguísticos de línguas e povos em Timor-Leste, que será analisado a seguir. Porém, antes de ser conduzida a análise dos contatos interlinguísticos, vale a pena apontar algumas breves palavras a respeito dos contatos intralinguísticos.

O contato intralinguístico trata-se do contato que ocorre entre indivíduos falantes da mesma língua e dentro da mesma comunidade de fala, ou seja, dentro do mesmo território (T) e do mesmo ecossistema linguístico local. Podemos nos basear no próprio termo também, que já deixa esclarecido do que se trata nesta temática. Couto (2009, p. 57) lista quatro tipos de contatos intralinguísticos e discute seus respectivos resultados, sendo eles: o contato de dialetos, o contato intergeracional, contato indivíduo-comunidade e a ausência de contato. Além disso, há também o contato interidioletal (Mufwene, 2001), que pode ser considerado um subtipo de contato de dialetos. De acordo com Albuquerque (2014b, p. 288), os contatos intralinguísticos geraram uma série de mudanças e variações linguísticas, a coneização da língua Tetun, uma distinção dialetal grande entre o Tetun Terik e o Tetun Prasa, bem como a dispersão de empréstimos de origem indonésia inglesa nas línguas locais de Timor-Leste. Estes resultados, além de terem sido apresentados inicialmente em Albuquerque (2014b), estão discutidos detalhadamente em Albuquerque (em preparação).

Os produtos do contato de línguas e povos, ou seja, os resultados do contato interlinguístico mais comuns já estudados pela linguística são a formação das seguintes variedades/línguas: pidgins, crioulos, línguas duomistas, línguas indigenizadas e línguas reestruturadas (Couto, 2009, p. 55).

No ecossistema linguístico local de Timor-Leste, os resultados dos contatos foram a formação de: um crioulo, o Crioulo Português de Bidau (CPB); uma língua entrelaçada, a variedade conhecida como Tetun Prasa, da língua Tetun; do português como língua indigenizada; e das várias línguas nativas locais sendo reestruturadas. Cada um desses resultados será analisado abaixo.

Em Timor, formou-se um crioulo português, que é conhecido como Crioulo Português de Bidau (CPB), em referência ao bairro onde era predominante, Bidau, que fica

localizado na periferia de Dili, capital de Timor-Leste. Inicialmente, este crioulo era considerado apenas como um português ‘corrompido’ pelos leste-timorenses ou como Crioulo Português de Macau, já que era falado pelas famílias de origem macaense residentes em Timor, como pode ser visto em Vasconcelos (1970 [1901], p. 151). Posteriormente, outros autores, como Thomaz (1974), começaram a diferenciar o português falado pelos timorenses e o CPB. O CPB foi formado a partir da migração ocorrida de Lifau para Dili, em 1769, já comentada no capítulo 4. O grupo populacional que migrou para Dili, fundando a nova capital, era formado pela administração colonial e por milícias locais, com indivíduos falantes de português, de malaio, dos Crioulos Portugueses de Malaca e Macau, bem como de variedades reestruturadas do português (e também de L2, L3 e LE). Por sua vez, esse grupo populacional de Lifau, já havia recebido nos séculos anteriores a migração dos grupos populacionais de outras possessões portuguesas na Ásia, como Malaca, Makassar e Larantuka (Boxer, 1947). Assim, o contato de línguas e povos na região envolveu diversos elementos linguísticos e extralinguísticos. Com a migração, uma das milícias nativas acabou por se fixar em Bidau, onde foi formado o CPB, que possui uma série de similaridades com os demais crioulos portugueses asiáticos (Baxter, 1990). Porém, o CPB deixou de ser empregado nos Atos de Interação Comunicativa (AICs), sendo substituído principalmente pelo Tetun Prasa, que funciona como língua franca em Timor-Leste, sendo extinto provavelmente na década de 1960. De certa forma, a formação do CPB pode ser encarada como uma língua de resistência e de identidade deste grupo específico (a milícia local) e que chegou a se dispersar no território deles (o bairro de Bidau), porém acabou sendo substituído paulatinamente a partir do momento que se fez necessário este grupo interagir com os demais, ocorrendo uma mudança de língua em que os falantes abandonaram o CPB para adotar o Tetun Prasa, existindo até algumas evidências desse contato, que acarretou a mudança de língua, por meio da influência do CPB sobre o Tetun Prasa, com alguns empréstimos lexicais de origem lusófona tendo sido inseridos de maneira modificada no Tetun Prasa por ter vindo via CPB, conforme foi estudado por Esperança (2001)⁴. Entre alguns exemplos citados por Esperança (2001, p. 37) estão:

⁴ Esperança (2001, p. 26) também aponta alguns itens gramaticais existentes no Tetun Prasa como tendo origem na influência do CPB e dos demais Crioulos Portugueses Asiáticos, sendo: o genitivo, a presença do modal *tenke* e da cópula *san*.

1. *kreda* ‘igreja’, tal lexema sofreu as seguintes modificações Port. *igreja* > CPB e demais Crioulos Asiáticos *gredZa* > Tetun Prasa *kreda*⁵;
2. *dersán* ‘geração, parente, família’, este lexema sofreu modificações semelhantes ao anterior: Port. *geração* > CPB e demais Crioulos Asiáticos *dZerisaN* > Tetun Prasa *dersán*;
3. *karau baka* ‘vaca’, este lexema é um pouco distinto, já que possui a presença do item tetunófono *karau* ‘búfalo’ e o empréstimo do lexema *baka* ‘vaca’, que para os leste-timorenses o boi e vaca, ou seja, o gado ocidental é apenas um tipo de búfalo: Port. *vaca* > CPB e demais Crioulos Asiáticos *baka* > Tetun Prasa *karau baka*.

As línguas duomistas, mais conhecidas como línguas mistas, ou línguas entrelaçadas, tratam-se de um resultado do contato de línguas em que ocorre uma fusão de duas línguas-fontes, que são facilmente identificadas, geralmente em um cenário de bilinguismo comunitário (MEAKINS 2013, p. 159). O debate em torno deste tema (se realmente existem línguas mistas ou não? Se são produtos de um tipo específico de contato ou apenas um subtipo de outra classificação existente? Ou, se são um sistema linguístico autônomo ou não?) foi estimulado desde a década de 1990 até os dias atuais, principalmente com as publicações das obras de Bakker e Mous (1994), bem como a de Matras e Bakker (2003), que apresentam esboços gramaticais de diversas línguas que são classificadas como línguas mistas e também com a discussão da tipologia e da sócio-história dessas línguas. Como as línguas nativas leste-timorenses se encontram em um estágio inicial de documentação e de estudos linguísticos pouco se pode afirmar a respeito, porém várias publicações referentes ao Tetun Prasa (língua oficial e língua franca do país) vêm questionando o status dessa variedade da língua Tetun, chegando a ser considerada um crioulo, de acordo com o *Ethnologue* (Lewis, Simons & Fennig 2013), uma língua que sofreu criouliização (Hull, 2001) e um pidgin (Hagège, 2002). Recentemente, Greksakova e Holm (2013) discutem a tipologia das línguas mistas à luz dos dados do Miskito e do Tetun Prasa. Meakins (2013, p. 215) afirma que há uma série de diferenças tipológicas entre as línguas mistas, variando desde línguas mistas que apresentam grande parte de seu léxico de uma língua-fonte e sua gramática de outra até

⁵ Esta mudança ocorreu pelo fato de a língua Tetun originalmente não apresentar em seu inventário os segmentos /g/ e //, sendo o primeiro modificado para /k/ e o segundo para [d], [d] ou [d].

línguas que substituíram somente alguns itens lexicais em situações comunicativas especiais. Caso seja considerado este continuum de variação na tipologia das línguas mistas, é possível incluir o Tetun Prasa, já que manteve a gramática tetunófona, mas substituiu grande parte de seu léxico original pelo léxico lusófono, com mais de 6000 itens lexicais do português. Em relação a sua sócio-história, o Tetun Prasa também apresenta as características de língua mista, tendo surgido no contexto de bilinguismo com a presença de uma língua comum ao povo, sendo que a língua mista possui funções de identidade: para manter uma identidade antiga de um grupo, ou para marcar uma identidade de um novo grupo (Meakins, 2013, p. 216). Desta maneira, o Tetun Prasa se instalou em um grupo que já possuía sua língua, sendo os habitantes de Dili que falavam antigamente o Manbae, e serviu como uma marcação de identidade deste grupo, já que o Tetun Prasa atualmente é falado como L1 somente pelos habitantes de Dili, apesar de ser língua franca e oficial de Timor-Leste.

As línguas indigenizadas são aquelas que foram inseridas em um país de cima para baixo, de acordo com Couto (2009, p. 56), ou seja, a língua indigenizada é aquela que entra em um país pela elite da população e, por isso, se mantém limitada a certas instâncias sociais, como a escola, alguns meios de comunicação, entre outros. O exemplo mais prototípico de uma língua indigenizada é o inglês na Índia. O português pode ser considerado uma língua indigenizada em Timor-Leste, já que em sua variedade padrão o uso está limitado somente a algumas situações formais, como: a escola, a administração pública, os meios de comunicação impressos, entre outros. Em outras palavras, o português padrão é empregado na maioria das vezes pela elite leste-timorense: cidadãos que estudaram em escolas portuguesas existentes em Timor-Leste; cidadãos que moraram e/ou estudaram em países estrangeiros lusófonos, principalmente Portugal ou Brasil; idosos que viveram durante o período de colonização portuguesa. As consequências de o português, no caso o português padrão, se apresentar como uma língua indigenizada em Timor-Leste são as mais variadas, entre elas, é possível mencionar: as atitudes negativas dos falantes leste-timorenses diante do português, como língua do colonizador e língua ‘retrógrada’ que impede o desenvolvimento do país; o próprio uso do PTL em diversos AICs que necessitam do uso da língua portuguesa, fazendo deste uma variedade local distinta do português europeu padrão, e também formando um índice de identidade leste-timorense.

Finalmente, um resultado do contato interlinguístico em Timor-Leste foi a reestruturação gramatical parcial das línguas nativas. O conceito de reestruturação gramatical parcial, ou simplesmente reestruturação parcial, foi desenvolvido por Holm (2004) e consiste na formação de uma variedade distinta da língua fonte por fatores sociais e linguísticos. Este tipo de variedade não possui nenhuma relação com os crioulos, que são variedades que sofreram reestruturação gramatical completa, ou total. As variedades parcialmente reestruturadas equivalem ao conceito de semicrioulo (entre a língua fonte e a língua crioula), empregado com maior frequência na crioulistica. Exemplos prototípicos de línguas parcialmente reestruturadas é o Português Popular Brasileiro, o Inglês Afroamericano e o Afrikaans, língua falada na África do Sul e que possui como língua fonte o holandês. O resultado da reestruturação parcial das línguas de Timor-Leste não se assemelha ao conceito de anticrioulo de Couto (2002), já que não ocorreu nenhum tipo de resistência cultural dos povos leste-timorenses, mas o que aconteceu foram migrações distintas e os contatos entre diversos povos de origem austronésia. Segundo Hull (2001, p.100), ocorreram duas ondas sucessivas de migrações em massa para a ilha de Timor em um intervalo de tempo relativamente pequeno. A primeira aconteceu provavelmente no século XIII com a introdução do *Ambonês Antigo*, um conjunto dialetal inserido na ilha, que teve intenso contato com a língua austronésia já falada em Timor, desde o século X, foi introduzida por meio das migrações das Celebes. A segunda onda de migração foi da língua Malaio, introduzida pelos comerciantes, provavelmente no século XV, que navegavam as rotas comerciais asiáticas. Nesse período, o *Pazar Melayu* tornou-se a língua franca de grande parte do sudeste asiático, pois era a língua usada nas relações comerciais, e também foi uma língua regional de troca. Segundo Hull (2001), essas duas ondas migratórias acabaram por fazer com que as línguas nativas do Timor-Leste sofressem um ‘processo de crioulização’ intenso e em um curto tempo. É este ‘processo de crioulização’ que consiste na reestruturação parcial. O resultado da reestruturação parcial nas línguas de Timor foi a perda da morfologia flexional e de alguns afixos derivacionais, levando os constituintes sintáticos a serem marcados somente por suas respectivas posições na sentença. Desta maneira, as línguas leste-timorenses de origem austronésia são encaradas por falantes estrangeiros, bem como pelos falantes de Tetun Terik, que retiveram os afixos e demais elementos gramaticais, como línguas ‘simplificadas’ pelo fato de terem perdido estas estruturas gramaticais consideradas mais complexas.

6. Considerações finais

O presente artigo procurou apresentar uma abordagem ecológica para os estudos do contato de línguas. Para tanto, foram discutidas as principais referências e teorias sobre o tema, destacando-se Mufwene (2001, 2008) e Couto (2009).

O estudo de caso conduzido aqui foi baseado em trabalho de campo original do autor, bem como na obra de Albuquerque (2014b), que conduziu uma análise mais detalhada do assunto apresentado neste artigo. A análise da ecologia dos contatos interlinguísticos em Timor-Leste serviu para lançar luz tanto sobre a situação do contato de línguas e povos no país, como para aplicar a teoria que foi discutida em (2). Assim, a partir da análise dos dados que foi elaborada neste artigo foi possível perceber a importância do contato de línguas para o desenvolvimento do ecossistema linguístico local de Timor-Leste, bem como para um melhor entendimento das características deste ecossistema na atualidade.

Com isso, a abordagem ecológica do contato de línguas apresenta uma nova visão para as pesquisas desta área ao levar em consideração as interações entre Povo (P), Língua (L) e Território (T), ou seja, não se limitando a questões puramente linguísticas ou sócio-históricas do contato, como vem sendo feito nas pesquisas atuais. Nessa abordagem são levados em consideração também os diferentes ecossistemas (natural, mental e social) em que P-L-T se relacionam. Isso faz com que as características da ecologia do contato discutidas aqui, retiradas de Couto (2009), que são a tipologia, as situações, os resultados e os fatores que influenciam o contato, além de estarem em harmonia com a visão ecológica de mundo, podem ser aplicadas a qualquer contato de línguas e povos, apresentando-se, assim, como uma nova abordagem para a pesquisa nestas áreas: contato de línguas e crioulização.

Referências

- ALBUQUERQUE, D. B. *Pré-história, história e contato linguístico em Timor Leste*. *Domínios de Linguagem*, v.6, n.2, 2009, p.75-93.
- _____. *Peculiaridades prosódicas do português falado em Timor Leste*. *ReVEL*, v.8, n.15, 2010a, p.270-285.
- _____. *Elementos para o Estudo da Ecolinguística de Timor Leste*. *Domínios de Linguagem*, Ano 4, v. 1, 1º sem, 2010b, p. 21-36.
- _____. *O Português de Timor Leste: contribuição para o estudo de uma variedade emergente*. *Papia*, v. 21, n.1, 2011a, p. 65-82.

- _____. *O elemento luso-timorense no português de Timor Leste*. *ReVEL*, v. 9, n. 17, 2011b. p. 226-243.
- _____. *Esboço gramatical do Tetun Prasa: língua oficial de Timor Leste*. Dissertação (Mestrado em Linguística). Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade de Brasília, Brasília, 2011c.
- _____. *Esboço Morfossintático do Português Falado em Timor-Leste*. *Moderna Sprak*, v. 106, n. 1, 2012a.
- _____. *Especificidades do léxico do português de Timor-Leste*. *Papia*, v. 22, n. 1, 2012b, p. 201-223.
- _____. *Ecologia dos contatos linguísticos em Manbae, Timor-Leste*. In: COUTO, E. K. N. N.; ALBUQUERQUE, D. B.; ARAÚJO, G. P. (orgs.). *Da Fonologia à Ecolinguística*. Ensaios em homenagem a Hildo Honório do Couto. Brasília: Thesaurus, 2013. p. 251-283.
- _____. *Restrições métricas da língua Tetun no português falado em Timor-Leste: o acento e a variação*. In: MAGALHÃES, J. S. (Org.). *Linguística in Focus 10: Fonologia*. Uberlândia: Editora UFU, 2014a. p. 73-90.
- _____. *A língua portuguesa em Timor-Leste: uma abordagem ecolinguística*. Tese de doutorado. Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade de Brasília, Brasília, 2014b.
- _____. *A ecologia dos contatos de línguas e povos: o contato intralinguístico*. MS. Em preparação.
- BAKKER, P.; MOUS, M. (eds.). *Mixed languages: 15 Case Studies in Language Intertwining*. Amsterdam: Uitgave IFOTT, 1994
- BANG, J. C.; DØØR, J. *Language, Ecology and Society. A Dialectical Approach*. Editado por Sune Vork Steffensen e Joshua Nash. Londres: Continuum, 2007.
- BAXTER, A. *Notes on the Creole Portuguese of Bidau, Timor*. *Journal of Pidgin and Creole Languages*, v.5, n.1, 1990, p.1-38.
- _____. *Portuguese and Creole Portuguese in the Pacific and Western Pacific rim*. In: WURM, S. A.; MÜHLHÄUSLER, P.; TYRON, D. T. (orgs.). *Atlas of Languages of Intercultural Communication in the Pacific, Asia, and the Americas*. Vol. 2. Berlim: Mouton de Gruyter, 1996. p. 299-338.
- BOXER, C. R. *The Topasses of Timor*. Amsterdam: Indisch Instituut, 1947.
- CALVET, L. J. *Pour une écologie des langues du monde*. Paris: Plon, 1999.
- CAPELL, A. *Peoples and Languages of Timor (I)*. *Oceania*, v.14, n. 3, 1943a, p.191-219.
- _____. *Peoples and Languages of Timor (II)*. *Oceania*, v.14, 1943b, n.4, p.311-337.
- _____. *Peoples and Languages of Timor (III)*. *Oceania*, v.15, n.1, 1944, p.19-48.
- CARVALHO, J. S. *Morte e vida em Timor durante a Segunda Guerra Mundial*. Lisboa: Livraria Portugal, 1972.
- COUTO, H. H.. *Anticrioulo*. Manifestação linguística de resistência cultural. Brasília: Thesaurus, 2002.
- _____. *Ecolinguística. Estudo das relações entre língua e meio ambiente*. Brasília: Thesaurus, 2007.
- _____. *Linguística, ecologia, ecolinguística*. Contato de línguas. São Paulo: Contexto, 2009.
- _____. *O que vem a ser ecolinguística, afinal?* *Cadernos de Linguagem & Sociedade*, v. 14, n. 1, 2013, p. 275-313.
- ESPERANÇA, J. P. T. *Estudos de Lingüística Timorense*. Aveiro: SUL, 2001.
- FIGUEIREDO, F. A. *Timor. A presença portuguesa (1769-1954)*. Tese (Doutorado em História). Faculdade de Letras, Universidade do Porto, Porto. 2004.
- FOX, J. J. *Tracing the path, recounting the path: historical perspectives on Timor*. In: FOX, J. J.; SOARES, D. B. (eds.) *Out of the ashes: destruction and reconstruction of East Timor*. Hindmarsh: Crawford House Publishing, 2000. p.1-29.
- _____. *Drawing from the past to prepare for the future: responding to the challenges of food security in East Timor*. In: COSTA, H. et al. (Eds.). *Agriculture: New Directions for a New Nation - East Timor (Timor-Leste)*. Canberra: The Australian National University, 2003. p. 105-114.

- GREKSAKOVA, Z.; HOLM, J. *Tetun and Miskito: Refining our typology of mixed languages*. Comunicação apresentada à Conferência conjunta da Society for Pidgin & Creole Linguistics (SPCL) e da Associação de Crioulos de Base Lexical Portuguesa e Espanhola (ACBLPE). Lisboa, 2013.
- HAGÈGE, C. *Morte e Rinascita delle Lingue*. Milão: Feltrinelli, 2002.
- HÄGERDAL, H. *Lords of the Land, Lord of the Seas*. Conflict and adaptation in early colonial Timor, 1600-1800. Leiden: KITVL Press, 2012.
- HAJEK, J.; WILLIAMS VAN-KLINKEN, C. *Um sufixo românico numa língua austronésia: -dór em Tetum*. *Revue de linguistique romane*, n. 67, 2003, p. 55-65.
- HAUGEN, E. *The Ecology of language*. Stanford: Stanford University Press, 1972.
- HOLM, J. *Languages in Contact*. The Partial Restructuring of Vernaculars. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.
- HULL, G. *A Morphological Overview of the Timoric Sprachbund*. *Studies in Languages and Cultures of East Timor*, v. 4, 2001, p.98-205.
- _____. *The Papuan Languages of Timor*. *Studies in Languages and Cultures of East Timor*, n. 6, 2004, p. 23-100.
- HULL, G.; ECCLES, L. *Tetum Reference Grammar*. SydneyDili: Sebastião Aparício da Silva Project Instituto Nacional de Linguística/Universidade Nacional de Timor Lorosa'e, 2001.
- LWEIS, M. P.; SIMONS, G. F.; FENNIG, C. D. (eds.). *Ethnologue: Languages of the World*. 17a ed. Dallas: SIL International, 2013. Disponível em: <http://www.ethnologue.com>. Acesso em: 27 Nov. 2013.
- MACKEY, W. F. *Toward an ecology of language contact*. In: MACKEY, W.; OMNSTEIN, J. (orgs.) *Sociolinguistic studies in language contact: Methods and cases*. Haia: Mouton, 1979. p. 453-459.
- _____. *The ecology of language shift*. In: NELDE, P. (org.). *Sprachkontakt und Sprachkonflikt*. Zeitschrift für Dialektologie und Linguistik Beiheft n. 32. Wiesbaden: Franz Steiner Verlag, 1980. p. 35-41.
- MATRAS, Y.; BAKKER, P. (eds.). *The Mixed Language Debate: Theoretical and Empirical Advances*. Berlin: Mouton de Gruyter, 2003.
- MEAKINS, F. *Mixed Languages*. In: BAKKER, P.; MATRAS, Y. (eds.). *Contact Languages. A Comprehensive Guide*. Berlin: Mouton de Gruyter, 2013. p. 159-228.
- MUFWENE, S. *The ecology of language evolution*. Cambridge: Cambridge University Press, 2001.
- _____. *Language Evolution. Contact, Competition and Change*. Londres: Continuum, 2008.
- MÜHLHÄUSLER, P. *Linguistic Ecology: Language Change and Linguistic Imperialism in the Pacific Region*. Londres/ NovaYork: Routledge 1996.
- _____. *Language of environment, environment of language: a course in ecolinguistics*. Londres: Battlebridge, 2003.
- National Board of Statistivs. *Timor-Leste Census of Population and Housing 2004*. Priority Tables Editions: National Board of Statistics and the United Nation Fund for Population, 2006.
- SCHAPPER, A.; HUBER, J.; ENGELHOVEN, A. *The historical relation of the Papuan languages of Timor and Kisar*. In: HAMMARSTRÖM, H.; HEUVEL, W. (eds.). *Journal of the Linguistic Society of Papua New Guinea*. Special Issue 2012. Part 1. History, contact and classification of Papuan languages, p. 192-240, 2012.
- Thomaz, Luis Filipe. Timor: Notas histórico-linguísticas. *Portugaliae Historica*, vol. 2, 1974, p.167-300.
- _____. *O afluxo ao meio urbano no Timor Português*. *Revista da Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa*, v. 4, n. 1, 1976, p. 495-553.
- _____. *Babel Loro Sa'e: O Problema Lingüístico de Timor Leste*. Lisboa: Instituto Camões, 2002.
- TRAMPE, W. *Ökologische Linguistik. Grundlagen einer ökologischen Wissenschafts- und Sprachtheorie*. Opladen: Westdeutscher Verlag, 1990.
- VASCONCELOS, J. L. *Esquisse d'une dialectogie portugaise*. Lisboa: Centro de Estudos Filológicos, 1970 [1901].

WHINNOM, K. *Linguistic Hybridization and the 'Special Case' of Pidgins and Creoles*. In: HYMES, D. (ed.). *Pidginization and Creolization of Languages*. Cambridge: Cambridge University Press, 1971. p. 91-116.

Recebido em 30/09/2014.

Aceito em 25/01/2015.

ECOLINGUÍSTICA: REVISTA BRASILEIRA DE
ECOLOGIA E LINGUAGEM (ECO-REBEL), v. 1, n. 1, 2015.